

O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO NÚCLEO CENTRAL DE PARINTINS-AM: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

¹Ana Paula Moraes dos Santos

²Tatiana da Rocha Barbosa

Resumo

O patrimônio histórico é importante, pois retrata a formação social e cultural dos lugares, bem como dos indivíduos que tiveram papel importante na construção indetitária da cidade de Parintins. Assim conhecer as origens e o desenvolvimento da cidade de Parintins no Amazonas, é suscitar a natureza histórica e geográfica desta ilha, diante o processo de urbanização das cidades Amazônicas, resultando na cristalização de obras arquitetônicas que configuram o Centro Histórico Parintinense. O presente artigo tem por objetivo conhecer o Patrimônio Histórico do núcleo Central de Parintins identificando suas mudanças e permanências bem como uma análise e reflexão de sua importância nos dias atuais. Para tanto, houve a necessidade de compor um espaço temporal que evidencie a origem de Parintins, tendo como base para os estudos o período que compreende 1796 a 1923. O aporte teórico para o presente trabalho perpassa pela caracterização das cidades na Amazônia bem como se encontrava a Amazônia após a colonização. A delimitação e caracterização da área de estudo versam diante os relatos de Conego André Fernandes em 1832 nos escritos de Bittencourt no livro Memórias de Parintins de 1923; além de imagens do Centro Histórico bem como do exposto no Plano Diretor de Parintins. Diante a apreciação da temática foi possível perceber que o Centro Histórico de Parintins encontra-se a mercê de atenção, visto que o poder público não promove iniciativas de revitalização desses espaços, e pouco contribuem para a manutenção do patrimônio, transferindo a responsabilidade para os proprietários dos imóveis que fazem parte da história Parintinense, compreender a ligação do presente com o passado estimula a curiosidade e o sentimento de pertença com as raízes que emanam das relações sociais ao longo do tempo tendo um valor inestimável, pois são heranças para a coletividade.

Palavras-chave: Centro Histórico. Transformações. Parintins-AM.

¹ Acadêmica do Curso de Geografia do CES-Parintins. E-mail: moraes.ana.paula@hotmail.com

² Orientadora Prof^ª. Msc. do CES-Parintins. E-mail: tatiana_r_barbosa@yahoo.com.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao passo da evolução do conhecimento técnico, a cristalização geográfica dos lugares se reconhece pelas construções históricas que marcam a periodização não apenas do tempo, mas que relata acontecimentos pontuais ocorridos em determinado período. Parintins no Amazonas não foge a regra, assim como em muitas cidades brasileiras a arquitetura colonial se faz presente no Centro Histórico, ou seja, construções antigas que se configuram como patrimônio cultural visto que representam a história da origem e desenvolvimento da sociedade Parintinense.

Conhecer as origens da cidade de Parintins é suscitar a natureza histórica e geográfica desta ilha, diante o processo de urbanização das cidades Amazônicas, resultando na cristalização de obras arquitetônicas que caracterizam o Centro Histórico Parintinense, marcando um período cultural, social e político. As relações sociais são dinâmicas e intimamente ligadas ao capitalismo, o qual reforça as lutas pelos espaços de maneira desigual transforma as construções históricas ou não em mera mercadoria passível de valor e, portanto, os espaços são modificados em prol de lucros de uma sociedade globalizada e, com isso, pouco a pouco a história da própria sociedade se torna fragilizada, posto que, o centro histórico retrata visivelmente uma época e, por meio deste, é possível traçar um comparativo do desenvolvimento social no município de Parintins.

Justifica-se a presente análise por considerar o Centro Histórico de Parintins como cristalização arquitetônica, com traços da colonização portuguesa, ao longo de sua origem, sendo o objetivo deste trabalho conhecer o Patrimônio Histórico do núcleo Central de Parintins identificando suas mudanças e permanências, bem como uma análise e reflexão de sua importância nos dias atuais, visto sua importância social, política e cultural, que resultou no Título de “Capital da Cultura e do Folclore do Estado do Amazonas” no ano de 2012, através de Projeto de Lei endossado pelo então Deputado Tony Medeiros por considerar Parintins o berço da cultura indígena e proferiu durante a plenária na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas que aprovou a lei dizendo:

Afinal, assim como Parintins o Estado também se divide em duas cores: azul e vermelho, ou seja, quem não torce pelo Garantido é apaixonado pelo Caprichoso. “O festival surge como um moderno movimento nativista que elegeu imagens indígenas com metáforas para a afirmação de uma identidade regional cabocla”. O boi concebeu esta identidade cultural que move a massa no Carnaboi, no Boimanas e que transfere a sede do Governo do Amazonas para a Ilha Tupinambarana, quando chega o Festival Folclórico, no mês de junho.

O presente estudo aborda como se deu a origem histórica da cidade de Parintins; analisando o processo de urbanização e propõe abordar as cristalizações e transformações ao longo do tempo do Patrimônio Histórico, o que significa dizer que há a necessidade de delimitar um espaço-tempo que evidencie a origem de Parintins, por intermédio, da pesquisa bibliográfica, e imagens do Centro Histórico da cidade, tendo como base para as análises o período que compreende 1796 a 1923 nos estudos de Antonio Bittencourt no livro Memórias de Parintins lançado no ano de 1923. Para compreender o surgimento, bem como se caracterizavam as cidades na Amazônia o presente artigo tem como aporte teórico sobre Amazônia após a colonização os embasamentos de Raimundo Pontes Filho (2000). A análise da Organização do espaço e Urbanização versa nos estudos de Roberto Lobato Corrêa (2006) e Ana Fani Alessandri Carlos (2006), os quais ressaltam os conflitos no espaço urbano.

Diante a análise da temática, é possível perceber que o Centro Histórico de Parintins encontra-se em total descaso, visto que o poder público não promove iniciativas de revitalização desses espaços, e pouco contribuem para a manutenção do patrimônio, transferindo a responsabilidade para os proprietários dos imóveis que fazem parte do Patrimônio Edificado, além das pressões capitalistas, que tornam os espaços geográficos mercadoria de valor e acabam por transformar o Patrimônio Histórico em meras lembranças de fotografias.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Optou-se para o presente escrito a pesquisa Bibliográfica e documental que para Fonseca (2010), a pesquisa bibliográfica pode ser compreendida como o desenvolvimento de um trabalho cujo problema de pesquisa passa a exigir apenas uma abordagem teórica, é neste viés que o objeto de estudo o qual perpassa sobre a análise do Centro Histórico de Parintins requer uma construção sobre os escritos publicados que relatem historicamente como se originou esta cidade amazônica, utilizando-se de revistas, jornais, e outros tipos de documentações necessários ao alcance dos intentos propostos.

Método histórico dialético-hermenêutico, pressupondo uma análise histórica das sociedades e as transformações que esta produz no espaço, e para tal apreciação baseia-se na concepção de Marx e Engels denominando-se de “dialética materialista” o que significa analisar múltiplas relações para compreensão da historicidade a partir da sociedade, sendo que

a construção histórica abrange mudanças constantes em que a função dos espaços adquire novas funcionalidades, mas sua essência permanece.

A delimitação e caracterização da área de estudo versam diante os relatos de Conego André Fernandes no ano de 1832, uso de imagens do Centro Histórico bem como do exposto no Plano Diretor de Parintins na Lei 375/2006 que delimita:

Seção I Patrimônio Edificado e Construído em seu Art.35 que: Fica delimitado para tombamento, para fins de proteção, acatamento e programação especial, o Centro Antigo da Cidade, começando na intersecção da Rua Marechal Castelo Branco com a Rua Furtado Belém, seguindo por esta até atingir a Avenida Amazonas, seguindo por esta até a intersecção com a Rua Coronel Araújo, seguindo por esta até as margens do Rio Amazonas, seguindo por este até a entrada do Lago da Francesa, contornando este até a Rua Quinta da Boa Vista até o início da Rua Marechal Castelo Branco, fechando o polígono na intersecção desta com a Rua Furtado Belém.

A visita técnica ao centro histórico possibilitou a compreensão dos conflitos entre o passado e o presente que interferem na manutenção do patrimônio edificado da cidade, conseqüentemente as mudanças e demolições dos patrimônios edificados acabam por tornar a cidade sem memória, à histórica, como se o núcleo central da cidade de Parintins fosse uma construção recente, não evidenciando o real processo de ocupação e desenvolvimento da urbe. Evidente que as memórias históricas, sociais e culturais ultrapassam as escalas físicas, não está apenas no concreto, porém intrínseco no subjetivo e na forma do modo como cada indivíduo atua no espaço. Contudo o patrimônio histórico construído na cidade de Parintins é uma cristalização importante, agregando valor imaterial.

3 AMAZÔNIA APÓS A COLONIZAÇÃO (Breves Considerações)

Caracterizar as cidades amazônicas não é fácil, é necessário compreender que antes da chegada dos portugueses ao Brasil, o território não se encontrava desabitado, ao contrário milhares de tribos indígenas já existiam em solo pátrio diante o processo civilizatório, que consistia em catequisar os índios, e impor-lhes os costumes europeus.

Conflitos entre brancos e índios dizimaram milhares de etnias que aqui existiam, por conta de moléstias trazidas pelo colonizador como gripe, febres e outras endemias do mundo

européu, sem mencionar os confrontos armados ceifando a vida de outros tantos nativos em nome de Deus e da coroa portuguesa, visto que a religião católica teve grande influência durante a colonização, os jesuítas que ao Brasil chegaram, tinham como missão catequisar os índios, segundo eles eram seres sem alma e deveriam ensinar-lhes o idioma português e os bons costumes da civilização.

Apesar da chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 o processo de ocupação do território brasileiro que conhecemos hoje foi algo que ocorreu paulatinamente, fixando-se em primeiro momento, na costa do litoral brasileiro, em busca de especiarias, ouro e outras preciosidades para sustentar a coroa portuguesa falida de recursos naturais e endividada com a coroa Inglesa. É importante ressaltar, que neste período colonial, a Amazônia não fazia parte do domínio português, por conta do Tratado de Tordesilhas como bem expõe Pontes Filho (2009):

Pelo Tratado de Tordesilhas, firmado em 7 de junho de 1494, a maior parte das terras da Amazônia passou a pertencer a Espanha. Porém, a coroa espanhola dedicou pouca atenção à região durante o século XVI, pois não havia ainda encontrado quaisquer fontes de riqueza imediata que lhe fosse interessante, a exemplo do que ocorreu em outras áreas de colonização.

A primeira expedição a percorrer toda extensão do rio Amazonas na parte oeste do território fora comandado pelo Espanhol Capitão Francisco de Orellana em 1542, durante sua viagem relatou o encontro com uma tribo de índias guerreiras, as quais retiravam os seios para melhor empunhar seus arcos e flechas nos combates, deste encontro inusitado Orellana dá o nome deste imenso rio de Amazonas por conta das índias. Segundo os relatos de Frei Gaspar de Carvajal em “Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo Capitão Orellana”, descreve que durante a viagem o capitão encontrou as margens dos rios intensamente povoadas, aldeias com muitas “léguas” de extensão, segundo o navegador muitas eram bem construídas, com grandes ancoradouros e embarcações e pelo contato com os nativos conseguiram alimentação necessária para a navegação em troca de objetos de pouco valor.

As expedições para o desbravamento da Amazônia ocorrem anos mais tarde segundo Pontes Filho (2000, p.47)

Segundo dados oficiais, muitas expedições foram realizadas com a finalidade de conquistar a Amazônia. Os espanhóis foram os que mais tentaram, chegando a realizar, entre 1500 e 1570, vinte e duas expedições. Os ingleses empreenderam oito(...) os franceses, no mínimo, sete (...), em quanto os holandeses tentaram cinco vezes. Os portugueses realizaram apenas três (...). Alias, a última dessas expedições patrocinadas por Portugal à Amazônia resultou na fundação do Forte do Presépio, em 1616

A fundação da cidade Belém advém com as cruzadas das monarquias ibéricas segundo Pontes Filho (2000); tendo como precursor da fundação Francisco Caldeira Castelo Branco com o nome de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, neste mesmo ano relata o mesmo autor que Portugal e Espanha encontravam-se à foz do rio Amazonas preparando-se para combater holandeses e ingleses os quais detinham o comércio na calha do gigante rio Amazonas.

Ainda na primeira metade do século XVII, Belém ganha suas primeiras ruas, as construções civis e eclesiásticas em madeira, para o autor, Belém chegou à primeira metade do século XVII um núcleo colonial sem maior expressão, visto que as distâncias influenciavam diretamente nas relações econômicas com o restante do território.

Nos relatos de Carvajal (1992), descreve a chegada dos portugueses na Aldeia dos Manáos (atual Manaus), grande em extensão e no porto milhares de índios, apesar dos nativos tentarem se defender, os civilizados expulsaram-os de suas residências, seguindo o flúmen depararam-se com um rio de águas pretas o qual denominaram de Rio Negro e se surpreenderam com a força do seu curso que não se misturava com as águas do rio Amazonas, após a chegada ao encontro das águas fora erguido o Forte de São José do Rio Negro, não demorou muito e a região onde estava fixado a fortaleza surgiram povoados originando mais tarde a Cidade de Manaus.

O que se pode comprovar através destas áreas de conquistas portuguesas é que foi um intento geopolítico de ocupação territorial ocorrido a partir de 1615, adentrando de leste para oeste, visto que o domínio português aos poucos se consolidou com a fixação dos colonizadores em terras amazônicas.

O processo de integração do Amazonas ocorreu de forma pausada e fora sendo agregado de maneira econômica e politicamente à colônia portuguesa, diante as riquezas encontradas logo se pensaram alternativas que fossem rentáveis mediante à exploração das drogas do sertão a partir do conhecimento dos índios que habitavam a região.

O índio foi o elo principal para as riquezas da Amazônia, pois eram os únicos que conheciam onde estavam às especiarias na floresta, os caminhos para chegar a outros lugares ainda não cartografados. Diante o achado amazônico foi constituídos locais estratégicos militares ocasionando com o tempo o surgimento de uma rede de cidades amazônicas entre os anos de 1612 a 1802 e é neste contexto que surge às primeiras ocupações coloniais em Parintins em 1796.

4 ORIGENS DA CIDADE DE PARINTINS NO AMAZONAS (1796)

Bittencourt relata em sua obra Memórias do Município de Parintins como se encontrava o município em 1923, afirmando em visita a localidade que a cidade possui construções que datavam do período colonial, e se tornou importante a manutenção histórica desta ilha e por convite do então regente o senhor Coronel Manoel Antônio de Carvalho escreveu o livro Memórias de Parintins.

Quando se fala em origens, em primeiro plano na visão de Bittencourt é necessário lembrar, que o desenvolvimento das atuais formações das sociedades amazônicas e no Brasil advém das aldeias indígena como bem frisado pelo autor a Capital Federal era habitada pelos Tamoyos e Tupinambás, Belém do Pará, era a terra dos Neengahibas entre muitas outras tribos e localidades do território brasileiro. Parintins não fugindo a regra era o habitat dos Tupinambás, os quais haviam fugido por conta das perseguições sofridas no Peru, chegaram a ilhas a margem direita, esta com o nome de Maracá.

Os primórdios da ocupação da Ilha de Parintins segundo relatos de Bittencourt por outros povos nesta região se deu com a chegada do Capitão Jose Pedro Cordovil e seus escravos, os quais em 1796 chegaram para o cultivo de cacau, tabaco, guaraná, maniva para a produção da farinha e dedicação a pesca do pirarucu, a esta terra de fartura Cordovil deu o nome de Tupinambarana.

Bittencourt relata que Cordovil ocupou o espaço indo deste a foz do lago do Mirity até a de José Assú, área esta concedida no governo de D.Maria I então rainha de Portugal, construiu nesta localidade uma fazenda produtiva a qual entregou como obséquio a rainha em 1803, através do Conde dos Arcos até então Capitão-Mor do Pará elevou a categoria de Missão deixando a cargo de direção o Frei José das Chagas o qual deu o nome de Vila Nova da Rainha .Diante deste quadro muitos civilizados decidiram ir para a então vila, neste tempo a população contava com 1.700 habitantes.

Para Bittencourt esses são os dados que remetem a origem da atual cidade de Parintins, a Vila Nova da Rainha é elevada a freguesia pelo Decreto de 25 de julho de 1832 do governo Paraense com denominação de Tupinambarana, a fonte para essas afirmativas o autor encontrou nos relatos de autores como “Conego André Fernandes de Souza no trabalho Noticias Geographicas da Capitania de S. José do Rio Negro, no grande rio Amazonas, publicado no volume X da Revista do instituto Histórico geográfico Brasileiro, 1848; o mesmo autor nas lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas, 1873”, (Memorias de

Parintins 1923; p. 15) entre outros autores da época os quais localizam a Cidade de Parintins na latitude sul de 2°, 37' 57'' e longitude 54°, 15' 80'' (de Greenwich) sendo formada pelo Amazonas, Paraná do Limão, Lago do Macurany, Aninga, Redondo e da Francesa, e pelo Rio Paraná-Nêma.

5 URBANIZAÇÃO DE PARINTINS (1833 a 1920)

Desde os primeiros povoamentos da cidade de Parintins, não é possível identificar o real quantitativo populacional, porém baseado nos relatos e pesquisas expostas por Conego André Fernandes de Souza, Bittencourt (1923), expõe sobre a contagem populacional e censitária, bem como o censo de 1920.

A população de Parintins, então Villa Nova da Rainha no ano de 1848, contava com cerca de 1.700 habitantes segundo Conego André, sendo que o capitão tenente Araújo Amazonas, no Dicionário Topográfico, histórico e descritivo da Comarca do alto Amazonas que as almas no ano de 1833 somavam 3.048 indivíduos. Em 1856 esse número sobe para 4.550, sendo que este último representa o quantitativo dado pelo presidente da província.

No ano de 1859 a população cresce consideravelmente e passa a contar 7.089 habitantes, curiosamente no ano de 1861, o número de cidadãos cai para 4.560 pessoas, esse dado é contestado em 1863 através do Relatório de 19 de janeiro, em que o presidente da província expõe que os dados não são verdadeiros atentando para as dificuldades de se quantificar uma população espalhada em um território tão vasto como da Província (Bittencourt, 1923, p.56).

O município excluindo a freguesia do Andirá detinha uma população entre 5.200 a 5.500 habitantes, a Villa Nova da Rainha possuía então 68 residências e o município contava com 640 casas, segundo escritos lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas.

O censo de 1920 contou no município 14.607 indivíduos, tendo 3.084 casas, segundo o Delegado regional responsável por este recenseamento em seu Relatório ao Delegado Geral, afirmando que a população era acima de 15.000 segundo o delegado, a população de Parintins é estável, porém crescente como se pode visualizar no gráfico 1.

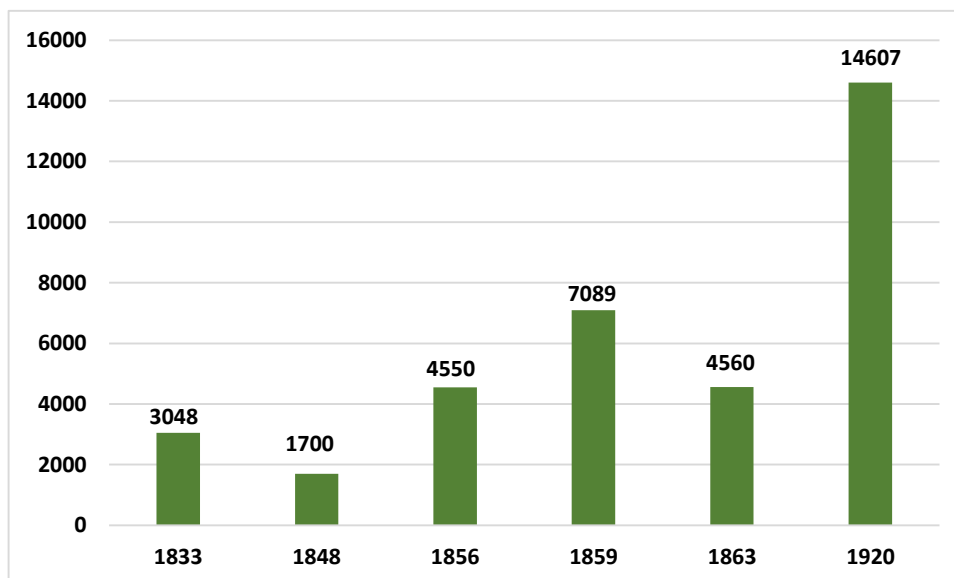


Gráfico 1: CENSO DA POPULAÇÃO DE PARINTINS DE 1833 A 1920.
Org. Santos, 2015.

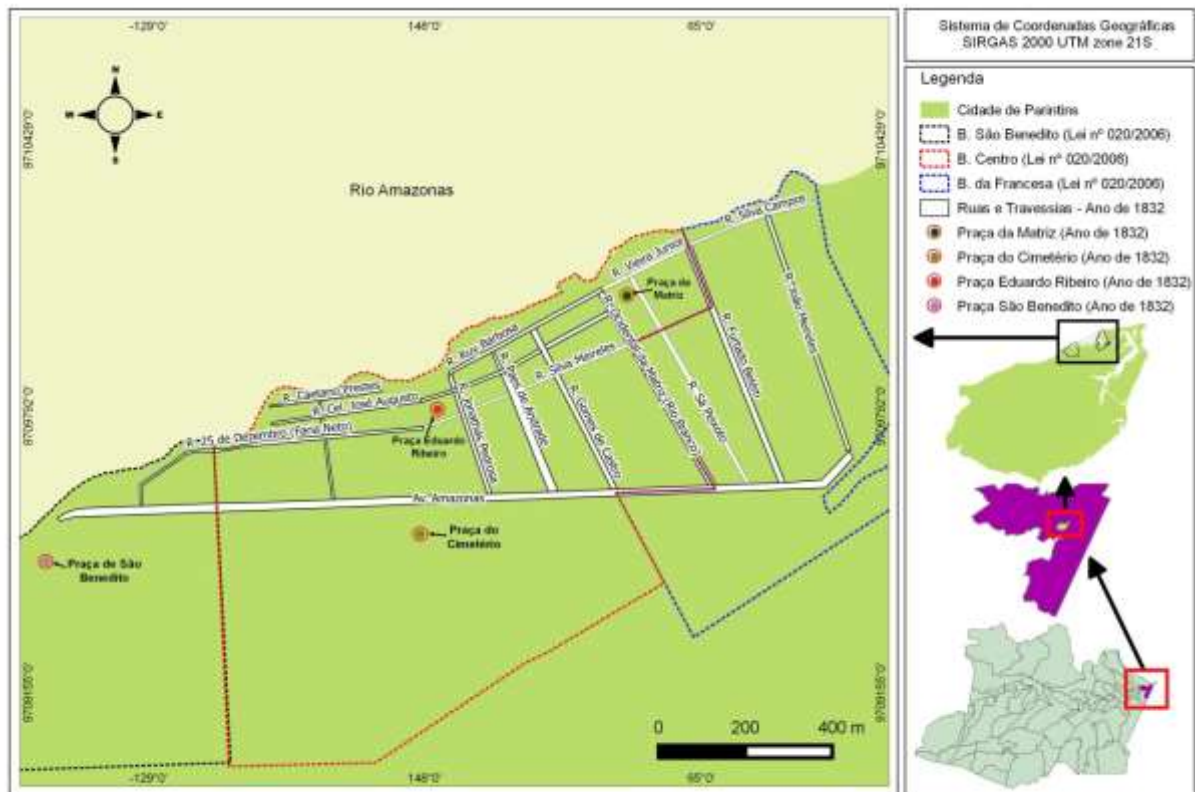
6 A HISTÓRIA DO NÚCLEO CENTRAL DE PARINTINS

Área de estudo

Localização histórica da Cidade de Parintins na latitude sul de 2°, 37' 57'' e longitude 54°, 15' 80'' (de Greenwich) sendo formada pelo Amazonas, Paraná do Limão, Lago do Macurany, Aninga, Redondo e da francesa, e pelo Rio Paraná-Nêma, segundo Conego André Fernandes de Souza no trabalho Notícias Geographicas da Capitania de S. José do Rio Negro, em 1873.

A formação do traçado das construções geográficas da cidade de Parintins, retratam as formas de adaptação ao sítio, em que o colonizador português pouco se preocupou em dar a localidade uma fluidez plena, pelo contrário como bem explicita Sergio Buarque de Holanda, o colonizador português não tinha intuito de fixação no território, tinha uma visão exploratória dos recursos da região e após seu exaurimento partia para outra localidade onde pudesse continuar a extrair os recursos valiosos para exportação, assim as cidades não levavam em consideração a morfologia singular de cada lugar, as ruas são desconexas, sem um arruamento que possa ser dito que tenha uma coerência, fora feito de qualquer jeito. Geralmente as construções estavam diretamente ligadas ao rio, como bem se pode visualizar no mapa 01, do Centro Histórico de Parintins baseado nos relatos de Conego André Fernandes no ano de 1832, em que a configuração do traçado das ruas demonstram que não se atentou para uma estrutura que visasse um desenvolvimento populacional e urbanístico que

se tem hoje na cidade de Parintins. Os portugueses criavam as cidades como meros pontos de passagem e exploração, Parintins não fugiu a esta regra.



Mapa 01: Organização espacial de Parintins baseado nos relato de Conego André Fernandes de Souza 1873 in Bittencourt, 1923, p. 16-17. Org. Santos, 2015.

O Patrimônio Histórico de Parintins está em sua maioria contido no núcleo central, definido por Corrêa (1995), como a área mais antiga das cidades, portanto, local onde estão edificadas as primeiras construções, de extensão limitada possível de ser percorrido a pé.

A área do núcleo central parintinense é composta por um pequeno perímetro, porém sua importância está ligada as relações e inter-relações que o compõe, as primeiras ocupações da cidade foram erguidas neste espaço geográfico, primeiramente pela proximidade do rio, e sendo ele um dos elementos importantes que compõe este núcleo, visto que é através do porto da cidade que se dá entrada e saída de pessoas e mercadorias.

Para Corrêa o núcleo central detém uma concentração de atividades comerciais e de serviços especializados e foi a partir desses meios que a área central de Parintins ganhou notoriedade. Nele há redes bancarias lojas de diversos seguimentos, agências de viagens, farmácia clínicas, e toda infraestrutura comercial e social, que perfazem e a caracterizam como área central, ou seja, ao passar dos anos este núcleo central onde estão localizadas as edificações que perfazem o patrimônio histórico de Parintins, não perdeu sua importância

comercial e social, tanto que este é um dos espaços com maior fluxo diário de relações econômicas e sociais, pois a sociedade dependendo de sua necessidade encaminha-se a esta área da cidade.

Reforçando os escritos de Corrêa, é no núcleo central que está o Patrimônio Histórico de Parintins nele há prédios importantes para a história da formação da sociedade parintinense a exemplo do Mercado Municipal que já existia segundo os relatos de Bittencourt em 1894, sendo mais tarde no ano de 1931 reinaugurado após uma reforma com arquitetura neocolonial o qual permanece até os dias atuais estando localizado na frente da cidade à Rua Rui Barbosa, além das residências que estão localizadas no centro histórico, e com o passar dos anos vão se tornando menos aparente no cenário citadino. Paisagem a qual como bem expõe Milton Santos (1982) não tem nada de fixo, muito pelo contrario é um elemento em constante transformações, pois é processo natural acompanhada pelas mudanças sociais, econômicas e políticas, resultantes das relações sociais no espaço, ou seja, o patrimônio histórico vem se transformando, ou se adaptando de acordo com as necessidades da sociedade. O patrimônio histórico percebido esta mudando sua forma e função.

Os prédios edificados no núcleo central da urbe, pouco lembra as construções do período colonial, Milton Santos (2006) explica que existem forma e função, em que a forma é caracterizada pelos aspectos visíveis da coisa, configurando um padrão, enquanto que a função é o papel, a atividade ou tarefa a ser desempenhado por uma forma, o que significa dizer que ambas estão relacionadas. No centro histórico parintinense muitas das antigas formas residenciais, deram lugar às funções comerciais como na imagem 01, onde se visualiza a agência de viagens, a Associação Comercial e Industrial de Parintins, uma reprografia entre outros comércios ao longo do perímetro urbano do núcleo central.



Imagem 01: Rua Coronel José Augusto, forma residencial de função comercial nos dias atuais.: Fonte: Santos, 2015

7 PARINTINS E SEUS PATRIMÔNIOS ARQUITETÔNICOS DE 1874 A 1923.

A igreja

A igreja é uma das arquiteturas de maior importância para as antigas populações das pequenas cidades Amazônicas, e ainda representam um patrimônio não apenas religioso, porém cultural desde a sua formação social, Parintins tem uma grande influência da igreja católica presente até os dias atuais.

Sociedade em sua maioria católica e religiosa tinha no templo edificado um lugar de encontro com a fé e é por certo onde a sociedade se encontra. A primeira igreja vinha dos áureos tempos da cidade Parintinense, ainda quando se chamava Villa Nova da Rainha, a igreja segundo Bittencourt (1923), foi erguida pelos habitantes locais através das iniciativas de Frei José das Chagas o qual fora o primeiro pároco da cidade.

Em 1857, no Relatório da Diretoria de Obras Públicas em 21 de setembro foi constatado que a igreja encontrava-se em bom estado de conservação, no ano de 1853 havia sido consignado segundo Bittencourt (1923), 500\$000 (quinhentos mil réis), de crédito para a reforma da igreja. Em assembleia Legislativa da província aos dias 20 de maio de 1862 o Deputado à época Freitas Guimarães expôs em seu pronunciamento um projeto no qual solicitava concessão a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios de Manaós (Manaus), seis loterias de dois contos de réis para a reforma e outras benfeitorias que se fizerem necessárias, assim como na mesma vertente outra propositura fora apresentada pelo padre e Deputado Pe. Mattos, expondo que ficariam concedidas doze loterias cada uma no valor de dois contos de réis, dos quais seis estariam a cargo da capela dos Remédios da capital e o restante destinado a construção de uma nova matriz em Villa Bella da Imperatriz, sendo aprovado em três discussões e sancionada pelo então presidente Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha nas referentes discussões não se falou na igreja de Parintins.

Em 25 de março de 1876 o presidente da Província à Assembleia Legislativa segundo relato de Bittencourt (1923), que Villa Bella pela frequência dos vapores, por conta de uma população trabalhadora não possuía uma matriz descente. Para conhecer as reais necessidades daquela província quanto das despesas necessárias para a construção da matriz foi enviado à vila o engenheiro Alexandre Haag que ao regressar à Manaós capital provincial da época relatou que a igreja de Parintins estava em ruínas e acrescentou que Villa Bella é a menos favorecida pelos orçamentos provinciais.

No ano de 1879 o presidente da província através dos relatos do engenheiro concedeu a fazerem-se reparos na igreja. Pela lei Nº 529 de 20 de Maio de 1881 fora

autorizado a edificação de uma igreja na ilha parintinense que contava com um crédito de trinta e cinco contos de réis, bem como nos anos de 1883 a 1884 pela lei orçamentaria do município previa-se um crédito de vinte e um contos de réis, em prol da conclusão das obras, a mesma lei incorria ainda uma averbação de quinhentos réis, para reparos na Igreja Velha, a qual era a única igreja da cidade estando localizada a Rua Coronel José Augusto bairro Centro, tendo como localização do prédio o lugar edificado conhecido nos dias atuais como Praça Digital.

Bittencourt relata em seu livro Memórias de Parintins de 1923 que o relatório de 22 de Novembro de 1884 do Tesouro Provincial refere-se a cinco propostas para edificação de uma igreja na cidade de Parintins, tendo como engenheiro do projeto o senhor Lauro Baptista Bittencourt com um orçado de 33:607\$233. Diante as propostas a cerca desta construção a mais vantajosa foi de José Felix Videira Braga em que o contrato fora celebrado em 19 de outubro do mesmo ano. Tendo o lugar para a construção conhecido as obras começaram dia 2 de Janeiro de 1883, a obra era fiscalizada por uma comissão nomeada pela Presidência Provincial e contava com cidadãos residentes na cidade parintinense como os senhores Coronel José Augusto da Silva, Tenente-Coronel João Wilkens de Mattos Meirelles e Dr. Clarindo Adolpho de Oliveira Chaves.

A construção erguida seria a Matriz de Parintins, tendo por invocação o nome de Igreja de Nossa Senhora do Carmo por ser esta a padroeira da cidade e cultuada pela população do município. A igreja pelo contrato deveria ser entregue no dia 19 de Março de 1884, mas pelas inúmeras prorrogações que teve a obra o edifício só ficou acabado em 1º de agosto de 1888, ano em que o Diretor de Obras Publica por ordem da Presidência oficiou o Coronel Jose Augusto da Silva, membro da comissão fiscalizadora da obra a entregar ao então vigário da Paroquia Padre João Maria Freydfont as chaves do edifício. A estrutura física do templo estava pronta, paredes e cobertura, mas como bem expõe os relatos de Bittencourt, a demais toda infraestrutura indispensável ao culto se fazia necessária, como coro, altares, pia batismal e sinos, motivo pelo qual a igreja não pode ser inaugurada de prontidão.

A população católica de Parintins contribui para o termino da obra da igreja a convite do vigário que, via subscrição, mandou fazer o côro e os altares, recebeu por donativo dois sinos oferecidos um por Antonio Rodrigues Vieira Junior no qual continha a inscrição do nome de sua filha mais velha Lindina, o outro foi ofertado por Jose Pereira Barbosa o qual mandou vir o referido objeto de Portugal com o nome de sua neta Izaura gravado, a pia batismal em forma de taça é feita em mármore e foi concedida pelo Capitão Antonio Simplicio Valente de Menezes, as imagens, parâmetros e alfaias saíram da subscrição, a igreja

totalmente infraestruturada iniciou suas funções no ano de 1895, tendo por invocação Nossa Senhora do Carmo padroeira da cidade.

A igreja de Nossa Senhora do Carmo tornou-se a igreja Matriz do município de Parintins, ou seja, a mais importante congregação católica, estava à época de 1895 localizada a rua Vieira Junior posteriormente a Matriz foi remanejada para uma nova construção situada a Avenida Amazonas onde permanece até os dias atuais, a antiga matriz hoje atende por denominação de Sagrado Coração de Jesus permanecendo com suas atividades aos dias de hoje.

Historicamente a igreja na cidade de Parintins passou por três momentos como se pode visualizar no mapa 02, em que a primeira edificação construída no ano de 1803 localizava-se a frente da cidade a rua Coronel José Augusto tendo por invocação de São Benedito, mais tarde a mando da Superintendência Municipal a igreja primitiva como fora conhecida a primeira igreja foi demolida e no lugar onde existia fora construída uma praça, esta paróquia foi transferida em 1876 para o bairro de São Benedito onde esta edificada nos dias atuais, após créditos provenientes da capital provincial no ano de 1883 inicia-se a construção da então Matriz Nossa Senhora do Carmo à rua Vieira Junior hoje, atual igreja Sagrado coração de Jesus.



Mapa 02: Localização Histórica das Igrejas nos três momentos na Cidade de Parintins.
Org. Santos, 2015.

Educação Pública em Parintins

Ao passo da elevação do Amazonas à categoria de Província, no ano de 1852 aos 1º de janeiro, já se fazia presente uma escola de ensino primário na cidade de Parintins, a qual havia sido criada pela Lei Paraense Nº 146 de 24 de outubro de 1848, como relata Bittencourt (1923), posteriormente confirmada pela Lei Amazonense Nº 15 do dia 18 de novembro de 1853, pelo então Deputado Joaquin Jansen Serra Lima, após ser sancionado pelo Presidente Conselheiro Herculano Ferreira Penna, tendo como primeiro professor efetivo o Padre Torquato Antonio Souza.

No ano de 1854 na seção do dia 23 de agosto o Deputado Tapajós, através de projeto criou a cadeira do ensino primário para o sexo feminino, esta escola foi implantada em 1857 pela Lei Nº 75 em 1 de Dezembro, tendo como pauta da propositura o deputado Padre Torquato, este projeto fora sancionado pelo presidente D. Francisco José Furtado teve como primeira nomeação efetiva a escola de D. Ana Joaquina Cardoso Souza Ribeiro, tendo sido edificada em 24 de Abril de 1863.

Segundo Bittencourt (1923), o ensino misto (ambos os sexos), passa a ser criada pela Lei Nº 575 de 19 de Maio de 1882, essa iniciativa visava expandir o ensino educacional para outras localidades, da cidade e do município de Parintins pelo Deputado à época S. Nery e S. Moraes e Andrade, tendo sido promulgado tal pedido como Lei pelo Presidente José Lustosa da Cunha Paranaguá, assumindo a cadeira de ensino a senhora D. Francisca dias Figueiredo e Silva, professora esta vinda da cidade vizinha Barreirinha para lecionar na cidade Parintinense.

O Decreto Nº 624 de 12 de Maio do ano de 1903, interposto pelo Governador Coronel Silverio José Nery, criando a quarta cadeira de ensino para o sexo masculino na cidade. Parintins, além do ensino publico, contou com uma escola particular a qual era dirigida pelo Padre Miguel Fernandes, porem seu funcionamento se deu por pouco tempo, assim com a existência de um colégio com o nome de Amazonas tendo como diretor da unidade D. Josephina Couto, mantido pelo estado e como o colégio anteriormente mencionado permaneceu em sua função por um curto período de tempo e fechou.

Relatos de Bittencourt de 1923 expõe os interiores do município que tiveram instaladas escolas, como uma escola para o sexo masculino no Paraná do Arary, o qual foi criada pela Lei Nº 777 de 23 de junho de 1887, outra edificada no Paraná do Limão para o mesmo sexo e mais tarde passou a ser de ensino misto, fora esta escola extinta pelo Decreto Nº 13 de 16 de Janeiro de 1890 do governador Augusto Ximeno de Villeroy, sendo

restabelecida posteriormente pela Lei Nº 1 de 3 de Agosto de 1891. O Decreto Nº 492 de 21 de maio de 1901 cria uma escola também para meninos no Paraná do Espírito Santo, duas no Paraná do boto, destas sendo uma para meninos e outra para o ensino misto pelo decreto de 7 de dezembro de 1897 pelo Governador da época Coronel José Cardoso Ramalho, e uma outra escola mista na localidade do Rio Purús pela Lei Nº 122 de 16 de Agosto de 1895.

A escola do Purus fora um pedido do Deputado José Augusto da Silva Junior e sancionada pelo Governador Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, na foz do Cabury por decreto do dia 26 de maio de 1903 confirmado pelo então governador da época Coronel Silverio Nery foi criado uma escola de ensino misto por apelos dos moradores do lugar. Outra comunidade a ser agraciada com uma escola para o sexo masculino foi o Paraná do Ramos, tendo sido criada pelo decreto Nº 936 de 4 de Agosto de 1910 no Governo do Coronel Antonio C. R. Bittencourt.

Para Bittencourt (1923), a implantação dessas escolas no importante e populoso Município de Parintins indicava o interesse do Poder Publico em instruir as camadas mais populares, porém não eram todos os seguimentos políticos e de poder que pactuavam com tais anseios, tanto que no ano de 1916 através do Decreto Nº 1.141 de 31 de Janeiro, extinguiu a maioria das escolas do Estado, Parintins não foi poupada dos cortes em nome da economia deficitária segundo o governo maior, assim ficou apenas uma escola mista na cidade.

No ano de 1923, Parintins contava com quatro escolas, todas estas eram mantidas pelo governo do Estado, sendo uma delas no Paraná do Boto.

Escola Estadual Araújo Filho

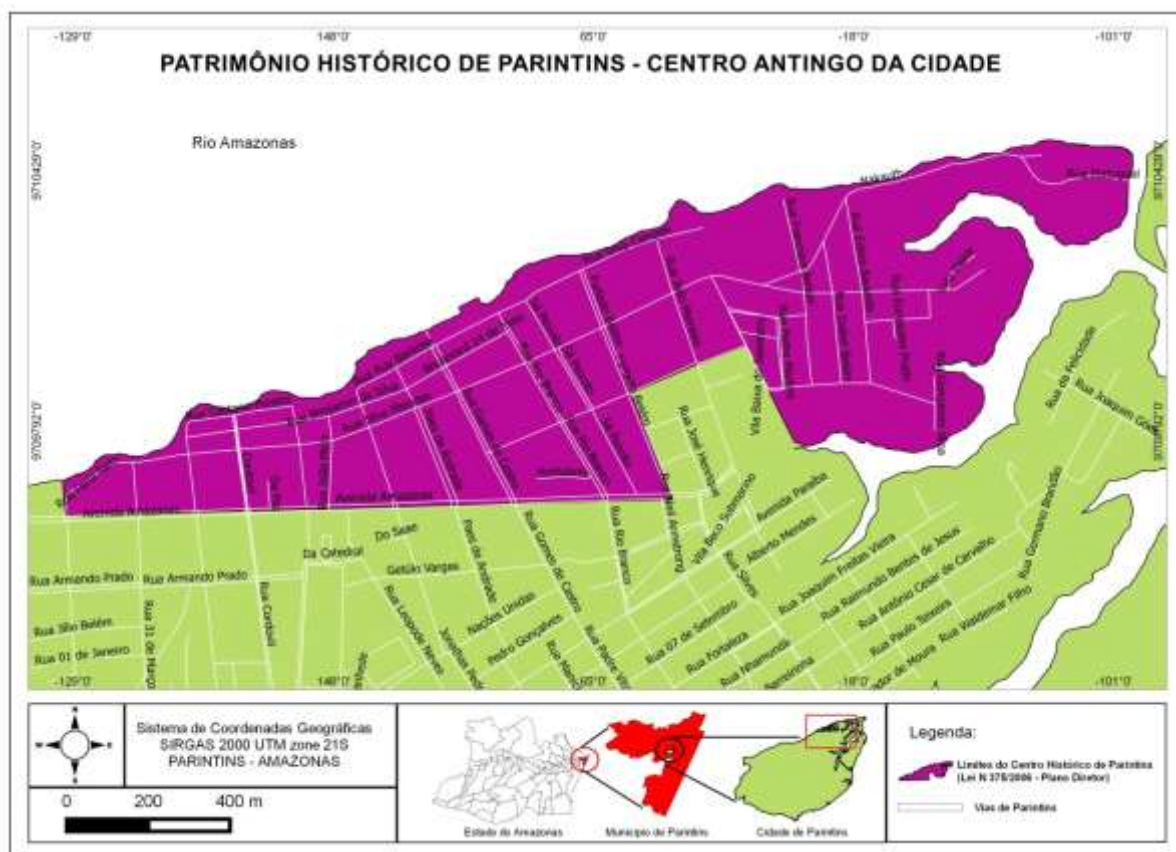
A educação Pública histórica na cidade de Parintins-AM que faz parte do Patrimônio Histórico é a Escola Estadual “Araújo Filho”, Mapa 03, a qual se localiza a rua Rui Barbosa Nº 110, nos dias atuais atua no ensino de 1ª a 4ª série, nos turnos matutino e vespertino. Criada pelo Decreto Paraense em 1848 através do Decreto Nº 146 com a denominação de Escola do sexo Masculino, a qual fora mais tarde no ano de 1853 confirmada pela recém-criada Província do Amazonas em 15 de outubro.

No ano de 1857, segundo Bittencourt pela lei Nº 75 o ensino daquele educandário passa a atender ao sexo feminino, no ano de 1928 através do Decreto Nº 159 de 17 de Fevereiro, passando a ser chamado “Grupo Escolar Monteiro de Souza” três anos mais tarde em 1931 pelo Ato Interventorial Nº 105 de 10 de Outubro recebe o nome de Grupo Escolar “Araújo Filho”.

8 O PATRIMÔNIO QUE (R)-EXISTE ATUALMENTE NO MUNICÍPIO DE PARINTINS

Parintins ao longo do tempo vem sofrendo inúmeras transformações, a urbanização acelerada nos últimos 30 anos, deu uma nova configuração aos espaços, a globalização trouxe um novo estilo arquitetônico nas edificações de prédios e casas, e nesta perspectiva o Patrimônio arquitetônico e cultural que outrora fora o marco do desenvolvimento da sociedade Parintinense através dos diversos ciclos econômicos que alavancaram a importância do Município na região, como o período do cacau, tabaco, juta entre muitos outros, vem sendo esquecido, pois para muitos, os traços destes períodos a exemplo dos prédios construídos a décadas atrás são simplesmente ruínas, e acabam contrastando com o novo que surge ao seu redor, e aliado ao descaso do poder público os edifícios históricos estão se deteriorando, e grande parte do que existia encontra-se nas lembranças e fotografias posto sua inexistência atual.

O centro Histórico da cidade de Parintins segundo o Plano diretor da Cidade, Mapa 04, abrange o perímetro Urbano do Centro antigo da Cidade, este espaço geográfico é o início da ocupação e urbanismo da Ilha Tupinambarana.



Mapa 04: Patrimônio Histórico de Parintins. Plano Diretor.
Org. Santos, 2015

Atualmente poucas construções históricas existentes neste espaço permanecem, são poucas as que resistem à modernidade do novo século, é possível identificar algumas das cristalizações que ainda permanecem em arquitetura pouco modificada como à exemplo da imagem 02, localizada a rua Vieira Junior, prédio este construído no ano de 1901 e inaugurado segundo Bittencourt (1923) aos dias 07 de Novembro, este é um dos Patrimônios que ainda resistem tendo sua fachada sem alterações no estilo arquitetônico.



Imagem 02: Sede Maçonaria, à Rua Vieira Junior em Parintins-Am. Foto: Santos,2015.

Ao lado do prédio da Maçonaria existiu uma casa que fazia parte do patrimônio histórico que poderia ter sido preservada, mas as faltas de políticas públicas acabaram por permitir a demolição da residência para a construção de um galpão que serve como depósito de mantimentos de um supermercado da cidade, como mostra a imagem 03. Demonstrando o descaso dos órgãos públicos, quanto da população para com os resquícios históricos que em muito representam momentos importantes, e sem dúvida são heranças de vida, os quais poderiam servir como fonte de renda como um museu, biblioteca, ou outro seguimento se o patrimônio Histórico fosse visto como elemento de atração para o turismo, visto que Parintins, é conhecida internacionalmente pelo Festival Folclórico e atrai milhares de turistas todos os anos, e ao chegarem à cidade não usufruem da historicidade desta localidade, chegam e vão sem conhecer a Parintins do passado, e conseqüentemente pouco conheceram a Ilha encantada no Futuro, visto que o amanhã é consequência das praticas sociais de ontem e hoje.

A atual construção da imagem 04, descontrói o imaginário que nos leva a refletir o passado. Qual a sua função? Quais as histórias vivenciadas naquele lugar? Mas a destruição de prédios antigos mostra o valor que é dado ao patrimônio, nenhum. A sociedade pouco se interessa, desconhece a historia e dessa forma novas construções são erguidas, e aparentam não ter identidade, conteúdo.



Imagem 03: Antiga residência que compunha o Patrimônio Histórico edificado existiu até o ano de 2013. Foto: acervo do Sr. Veramilton Almeida



Imagem 04: Atual construção que deu lugar a antiga residência colonial. Fonte: Santos 2015.

O passado e o presente estão lado a lado no Centro histórico, perceptível nas edificações que ao longo dos anos passam por transformações e adaptações do mundo moderno, assim na imagem 05, observa-se uma das construções antigas a qual está localizada à Rua Benjamim da Silva, construção datada do ano de 1901, pertencendo a Família Maranhão, esta casa fora a residência do então Desembargador Afonso Albuquerque Maranhão, o que resta da construção original, resume-se a fachada, os proprietários do imóvel preservam o local com pintura, mas o interior do local sofreu alterações para a comodidade dos usuários, é importante frisar que este prédio representa para a sociedade do município um patrimônio, visto que na cidade é um local conhecido pela sua antiguidade, não podendo se afirmar o seu conhecimento sobre a historicidade do imóvel.



Imagem 05: A imagem fora a residência da família Maranhão e pertencia ao Sr. Desembargador Afonso de Albuquerque Maranhão 1901. Fonte: Santos, 2015.

Segundo a Lei do Patrimônio Edificado de Parintins, os edifícios que compõem o centro histórico gozam de incentivos para sua preservação com desconto de 70% no IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), porém o cuidado e zelo por este espaço fica a cargo dos proprietários, neste sentido o município transfere sua responsabilidade para a esfera privada, posto a falta de fiscalização por parte dos órgãos municipais, os espaços muitas das vezes não estão contemplando o que preconiza a lei, pois alteraram por completo sua característica histórica.

No Brasil o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), entidade de autarquia do Governo Federal Brasileiro, é o órgão responsável pela preservação do patrimônio material o qual consiste no conjunto de bens culturais como, prédios, cidades históricas, documentos antigos, acervos entre muitos outros e imaterial que diz as práticas e domínios da vida social manifestação de saberes, ofícios e modos de fazer; expressão plásticas, musicais e muito mais A constituição vem estabelecer que é de responsabilidade do poder publico, bem como o apoio da comunidade a preservação do Patrimônio Histórico.

Através do IPHAN são elaborados trabalhos de restauro, mediante solicitação de Governos Estaduais, Municipais e da iniciativa privada por intermédio da apresentação de projetos, e segundo o próprio instituto um dos principais impasses para a averbação para as obras recai sobre as falhas na execução dos referidos planos, visto que para um pedido de restauração é necessário um desenho elaborado por profissionais habilitados e os quais tenham formação na área de preservação de Patrimônio Antigo, é neste quesito que a maioria dos pedidos solicitados são reprovados, segundo o IPHAN nos últimos anos foram liberados mais de R\$150 milhões de reais para restauração do Patrimônio Histórico no Brasil, um dos beneficiados podemos citar a cidade de Manaus com o restauro do Mercado Municipal Adolfo Lisboa no Centro da Cidade.

Um dos edifícios que representa a historia politica do município de Parintins é o prédio da imagem 06, no qual figura o Palácio Cordovil que serviu durante muitos anos como a prefeitura do município, hoje é um local esquecido, enquanto desempenhava a função de recinto da administração pública contava com cuidados e logo encontrava-se em conservação, mas a administração acabou por transferir a sede da prefeitura para lugares incertos visto que hoje a cidade não conta com prédio próprio e o Palácio Cordovil ficou abandonado, em seu interior encontram-se diversas documentações históricas que sem o cuidado apropriado estão se deteriorando, o interior do recinto não se faz atualmente reparos, no mais o que se faz no prédio é a pintura externa. Esse descuido com o patrimônio alavanca o descaso com a história daqueles que lutaram para transformar a Ilha Tupinambarana em um importante município do Estado.



Imagem 06: Palácio Cordovil 1852 em homenagem à José Pedro Cordovil. Fonte: Santos 2015

Em sua maioria as residências que estão nos limites delimitados do Centro histórico da cidade de Parintins não mais existem as poucas que resistem não detém mais que sua fachada, outras como na imagem 7, acaba por agregar novidades dos nexos da modernidade, descaracterizando a arquitetura que por certo é o traço principal do patrimônio edificado.



**Imagem 07: Residência colonial do Século XVIII sito à Rua Sá Peixoto
Fonte: Santos, 2015**

O patrimônio histórico é importante, pois retrata a formação social e cultural dos lugares, bem como dos indivíduos que tiveram papel importante na construção identitária da cidade de Parintins, compreender a ligação do presente com o passado estimula a curiosidade e o sentimento de pertença com as origens que emanam das relações sociais ao longo do tempo tendo um valor inestimável, pois vão além do tempo é uma herança para a coletividade.

A casa da cultura, imagem 08, é mais uma cristalização do desrespeito com a cultura, se não há compromisso com este espaço, o que dizer do patrimônio cultural existente no núcleo central de Parintins. Os interesses que emanam das relações sociais hoje perpassam em muito pelo capitalismo, as vantagens econômicas que um determinado seguimento pode usufruir. Ao contrario de muitas cidades, Parintins se tornou rota turística internacional e acaba por não usufruir economicamente deste seguimento, pois o fato é que a população e o poder público ainda não abrangeram o patrimônio histórico do núcleo Central como elemento que agrega valor a cidade, e por intermédio deste se poderiam solicitar verbas para manutenção e restauro desses prédios, e seria um atrativo concreto para o turismo. Porém surgem neste sentido inúmeras dificuldades, pois enquanto os seguimentos políticos e sociais não compreenderem que valorizar a nossa cultura é investimento, podendo resultar em uma fonte econômica sustentável e não agressora estaremos fadados a sermos no futuro um povo de histórias fotográficas.



Imagem 08: Ruínas da Casa da Cultura em Parintins-AM. Fonte: Santos, 2015.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FUTURO INCERTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE PARINTINS-AM

O tempo está cristalizado nas memórias por intermédio das relações sociais, nos vestígios das construções históricas da cidade de Parintins sendo o registro da história possuindo importância social e cultural, pois concebe o desenvolvimento de uma sociedade em constante transformação, marcada por acontecimentos que reestruturaram a organização do espaço, em múltiplas dimensões.

A partir das análises pode se afirmar que o Centro histórico do núcleo Central de Parintins elencado no Plano Diretor do município, não está sendo preservado de acordo com o que se propõe em relação ao cuidado com o patrimônio histórico e cultural. Casas, prédios e outros pontos histórico, não existem mais, o que acaba por descaracterizar a Parintins do passado, a cidade parece perder sua história, ao passo que o mundo moderno vai ganhando espaço, dentro do perímetro que se compreende como parte integrante do Patrimônio Histórico, e isso acontece pela falta de políticas públicas que incentive a preservação destes espaços históricos. Infelizmente não há patrimônio tombado na cidade, o que se tem em lei esta diretamente ligada ao Plano Diretor de Parintins, logo os proprietários que descaracterizam os patrimônios materiais não sofrem sanções, por isso o descaso se sobressai em uma escala maior.

A sociedade não reconhece o valor histórico, social e cultural do Patrimônio edificado, para a maioria dos moradores da cidade, pouco tem valor às edificações, ainda mais a história na qual fora consolidada, é preciso que a população compreenda o real sentido de cultura, desvinculando apenas do estereótipo do Festival Folclórico dos bumbas, cultura inclui o conhecimento, arte, crenças, leis, moral, os costumes, hábitos que ao longo de toda uma construção social histórica foram a base para as sociedades que existem hoje cada uma com sua peculiaridade, outro ponto importante é o Folclore no qual Parintins está emersa nas tradições e manifestações populares, passados de geração para geração.

Apesar desse contexto cultural, folclórico e histórico que perfaz o indetentário Parintinense para o mundo através do festival folclórico, o qual resultou na indicação da urbe em Capital da Cultura e do Folclore do Estado do Amazonas, por meio de um discurso vazio, visto que a cidade e seus agentes pouco demonstram interesse pela cultura, um dos exemplos disso é a Casa da Cultura de Parintins localizada na Avenida Nações Unidas, que se encontra depredada, esquecida pelo poder público.

É necessário promover uma reflexão crítica em prol da preservação do patrimônio histórico que representam as fases de períodos importantes da história, é questionável Parintins, receber o título de Cidade da Cultura apenas por um elemento em particular que é o Festival Folclórico dos Bumbás Caprichoso e Garantido, enquanto que Centro histórico como parte integrante da cultura encontra-se abandonado pelos órgãos municipais, cabe ressaltar que se houver o tombamento legal desses locais gera sanções criminais para quem não resguarda o patrimônio.

Compreender as funções dos prédios antigos e como ao longo do tempo estes ganharam uma nova roupagem, ou seja, a função mudou, mais a história no qual foi edificado transpõe a qualquer época, visto que a história vivenciada não se apaga assim como o atual prédio da Escola Estadual Araújo Filho que abrigou posteriormente à escola a primeira prefeitura do município, como também a câmara de vereadores. A população pouco conhece a respeito da história da origem de Parintins, uma das poucas iniciativas para o resgate histórico da cidade podemos citar o livro História e Memória Política do Município de Parintins dividida em três volumes elaborados pela Câmara Municipal de Parintins no qual são relatados momentos importantes e as figuras políticas que atuaram na cidade. Em sua maioria o povo parintinense não conhece o patrimônio histórico existente na cidade e por este motivo, não compreendem a importância desta cristalização, bem como não fazem a ligação da origem da cidade com a espacialidade geográfica, sua própria organização dentro do espaço, que é uma extensão da produção da sociedade parintinense de séculos atrás.

O patrimônio Parintinense deveria ser um seguimento importante para a produção de recursos financeiros, como acontece em outras cidades do país, a exemplo de Salvador que é um dos locais mais visitados por turistas é justamente o seu centro histórico com características marcantes da colonização portuguesa naquela região gerando renda através dos passeios culturais que muito bem poderiam ser elaborados para a cidade de Parintins.

A Ilha Tupinambarana tem rica história antes e depois da chegada do Coronel Pedro Cordovil para tomada de posse da região, e não há um museu que retrate este lado histórico da cidade de Parintins apesar de que o município recebeu verbas para este fim, porém os desvios ilícitos da politicagem resultaram apenas em desejos distantes da realidade, fato a ser pensado não apenas por iniciativas do poder público, mas que seja uma reivindicação da sociedade parintinense, pois resgataria a formação da sociedade ao longo do tempo e como se deu a configuração da Parintins de hoje, afinal, o espaço geográfico é mutável por isso é importante que se possa registrar, para que no futuro se tenha algo para deixar as futuras gerações.

Por fim é preciso compreender a real importância dos espaços tidos como Patrimônio histórico e Cultural, pois estes revelam o compromisso com o passado e o futuro, é uma questão de conscientização de que o hoje é resquício das práticas sociais passadas que revelam as raízes na construção da identidade cultural do povo parintinense.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, A.G. **Memórias do Município de Parintins**. Ed: Livraria Palmi Royal. Manaus, 1924

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVAJAL, Frei **Gaspar de**. **Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana**. São Paulo: Scritta, 1992.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. Ed. Ática, Série Princípios, 3a. edição, n.174,1995.

COSTA, Graciete Guerra da. **Manaus: Um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 4. edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.1995.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: www.iphan.org.br

Lei do Plano Diretor de Parintins2012/2016. **Art. 35 Seção I do Patrimônio Edificado e Cultural**.

PONTES FILHO, Raimundo P. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2000.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade de Salvador**. 2ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo: Salvador: Edufba, 2008. (Coleção Milton santos, 13)